

A cruz de Cristo como fundamento da esperança cristã

Ervino Schmidt

1. Introdução

Cerca do ano 600 o papa Gregório Magno enviou missionários beneditinos de Roma para a longínqua Inglaterra a fim de levarem a boa nova de Cristo. Um desses missionários, chamado Paulino, penetrou até o extremo norte da ilha. Conta-se que o rei dessa região, de nome Eduíno, não se mostrando muito entusiasmado com os acontecimentos, convocou uma reunião de sábios a fim de que esclarecessem a situação. Um deles levantou-se e disse: "Suponhamos que, num dia de inverno, estejais banqueteados com vossos condes e vassallos, numa sala agradavelmente aquecida pela lareira. Fora uiva a tempestade: o vento e a neve flagelam as janelas. De repente, acontece, então, que um passarinho atravessa a sala: entra por uma porta e sai por outra. Nos poucos momentos que fica na sala, não o atinge o frio de fora, mas, desde que desaparece de vossa vista, volta para o inverno tenebroso. Assim também é, ao que parece, com a vida humana: não sabemos o que a precede e o que a segue. Se a nova mensagem nos traz alguma certeza a respeito disso, é digna que a sigamos" (1).

Entendo esta anedota como a pergunta pelo sentido da vida, por algo que a encha de esperança. Os anglo-saxões aceitaram a boa nova. Ela lhes foi resposta à pergunta colocada. Para os nossos antepassados a boa nova de Cristo igualmente deu sentido à vida, enchendo-a de esperança. Também para nós ela é anúncio de salvação. Ela não é porque já o tem sido para os nossos antepassados. Cabe a nós dizermos em que sentido ela o é. Com outras palavras: É necessário que prestemos contas da esperança que há em nós.

Esperança faz parte da vida humana. Não é ela a última que morre? Sempre se espera por alguém ou por alguma coisa. Mesmo que se esteja insatisfeito com o seu presente, mesmo que se esteja cansado de promessas e teorias, espera-se por momentos melhores. Até um

(1) G. Bornkamm, *Jesus de Nazaré* (Petrópolis, 1976), pág. 144.

niilista, no fundo, tem esperança. O escritor irlandês Samuel Beckett não acredita em nenhum sentido na vida. Esta lhe parece absurda e desesperada. Ele não admite a possibilidade de qualquer comunicação entre os indivíduos. O resultado só pode ser uma angústia irremediável. Esta filosofia niilista encontrou sua expressão máxima no drama "Esperando Godo" que também aqui, no Brasil, tem sido um enorme sucesso. Na peça transparece esperança, se bem que esta não seja concretizada. Fica aberto quem realmente é Godo, que não aparece para o encontro marcado. Mas mesmo assim, o simples fato de os dois personagens centrais do drama virem a esperar, sempre de novo, é significativo. Parece que esperar faz parte da vida, mesmo que se tenha esta por absurda.

Mas não basta constatarmos a esperança como um elemento inerente à vida. Se nós como cristãos falamos em esperança, temos que concretizá-la, dizer em que ela se fundamenta. Somos uma igreja de confissão luterana. Sabemos que Lutero foi um grande defensor da teologia da cruz. Em suas famosas obras de 1520, a questão como se consegue ter confiança em Deus é uma das preocupações do Reformador. A resposta ele pode resumir assim: "A confiança provém de Jesus Cristo, como afirma São Paulo (Rm 5,8). Deus nos revelou toda a ternura e a benignidade do seu amor, entregando Cristo à morte por nós" (2). Durante toda sua vida Lutero acentua o evento da cruz como sendo de decisiva importância para a salvação do homem. Na nossa igreja também se fala muito na cruz de Cristo como acontecimento central. Poderíamos a partir de uma bem embasada teologia da cruz oferecer uma contribuição para a reflexão teológica na nossa situação específica?

No cenário teológico internacional, em todo caso, está acontecendo uma forte valorização da teologia da cruz. A tese de M. Kaehler, **A cruz de Cristo como base e crítica da cristologia** (1911), é de grande atualidade e é acatada de uma maneira mais abrangente ainda, de modo que se estabelece: **A cruz de Cristo como base e crítica de toda teologia cristã** (subtítulo do livro *Der gekreuzigte Gott* de J. Moltmann). Tentaremos prestar contas da esperança que há em nós a partir da cruz de Cristo. Isto não é tão fácil como poderia parecer, e já ao abriremos o Novo Testamento, deparamos com a primeira dificuldade. Há uma verdadeira profusão de interpretações da cruz.

2. Como o Novo Testamento fala da cruz de Cristo

A citação veterotestamentária (Dt 21, 23) de Gal 3, 13 não podia ser a última palavra. "Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro." A cruz, muito cedo, é entendida como vitória.

(2) Cf. H. Conzelmann, *Em Religion in Geschichte und Gegenwart*, 3. Aufl., 3. Bd., 647.

A paixão e a morte de Jesus são vistas, conforme Lucas 24 – os discípulos de Emaús – como vontade de Deus. “Porventura não era necessário que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? (v.26). Isto é, a cruz passa a ser encarada como estando sob o *dei* divino. Entende-se paixão e morte como colocadas sob o grande e misterioso “é necessário” de Deus que torna os atores humanos deste evento seus instrumentos. O destino terrível de Jesus, portanto, não acontece por acaso e nem é um fracasso.

O Novo Testamento entende a morte de Jesus como ato salvífico. A mais antiga e mais difundida categoria soteriológica para se falar da morte de Jesus Cristo é a fórmula *pro nobis*. “Mas Deus prova o seu amor para conosco pelo fato de ter Cristo *morrido por nós*, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5, 8). A mesma fórmula encontramos também em 1 Ts 5, 9-10: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo que *morreu por nós* para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele”. Por detrás dessa concepção está a idéia do culto e do sacrifício. O indivíduo, como também o povo, necessitava da expiação de seus pecados. Esta podia acontecer tanto na oferta de sacrifícios no templo, como também através da morte de um justo. Essa expiação, porém, que conhecemos da teologia judaica, não tinha significado universal, nem era definitiva.

Igualmente a interpretação da morte de Jesus como propiciatória é muito antiga. Na 1ª carta aos Coríntios Paulo cita uma fórmula, quando diz: “Antes de tudo vos entreguei o que também recebi: que Cristo *morreu pelos nossos pecados*”. Deve-se citar aqui igualmente, da instituição da Santa Ceia, a expressão: “Isto é o meu corpo que é *dado por vós*” (1 Co 11, 24). Em outras passagens é ressaltada a fidelidade de Deus. Ele, apesar das transgressões do seu povo, renova a aliança através do sacrifício pascal, ou seja da morte de Cristo. “Pois também Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado” (1 Co 5, 7).

Concepções semelhantes encontramos ainda em outras tradições. Temo-las, em parte, fora do Corpus Paulinum. Eis alguns exemplos: Em Mc 10, 45 encontramos o *motivo do resgate*: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Outro motivo é o da *redenção*. Paulo explica que todos pecaram e carecem da glória de Deus, e prossegue: “sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3, 4). Em Col 2, 14 aparece a concepção do *cancelar do escrito de dívida*, sendo este encravado na cruz. Da *remissão dos pecados* fala Ef 1, 7 (Co 12, 13) e da *purificação dos pecados* (Hebr 1, 3; 1 Jo 1, 7). Em Jo 1, 29 lemos: “Eis o *cordeiro de Deus* que tira o pecado do mundo.” A carta aos Hebreus emprega, em grande escala, conceitos provenientes do culto de sacrifício (Hb 9, 22).

Apresentamos somente alguns exemplos como no NT é entendida e interpretada a morte de Cristo. Não tivemos a pretensão de enumerar todas as passagens que se referem à cruz. Constatamos que, para expressar o significado salvífico da cruz, são empregadas imagens relacionadas com o culto, com atividades jurídicas ou tomadas da vida diária dos homens. Uma pergunta, após isso, se nos impõe: Como o Jesus histórico entendeu a sua morte? Contou com morte violenta? Atribuiu-lhe, ele próprio, significado salvífico?

3. As interpretações da cruz de Cristo e o Jesus histórico

A morte de Jesus causou surpresa para os discípulos e os conduziu a desespero e resignação. Mas sabemos que o rebanho disperso dos discípulos se reuniu novamente e se transformou em comunidade. Não mais se refugiavam cheios de medo. Sua boca fechada se abre e eles anunciam as grandes obras de Deus (At 2, 11). Em todo caso, a morte escandalosa no madeiro, de repente é vista com outros olhos. E aí inicia o longo processo de interpretação da cruz, do qual temos falado no capítulo anterior. Os motivos para a interpretação foram tomados, principalmente, da tradição judaica.

Mas não se podia tratar de uma solução de emergência por parte daqueles que sofreram a mais profunda frustração da sua vida? Não teriam eles tentado superar sua situação desesperadora com o emprego de conceitos de seu conhecimento? Não teriam eles investido todas as suas energias para arrancar um sentido daquilo que era tão sem sentido? Trata-se de algo forçado com a finalidade de superar uma crise? Ou, quem sabe, os conteúdos que expressaram com o auxílio de concepções correntes no seu ambiente, estavam pré-figurados no agir e na vida de Jesus? Qual a ligação das interpretações da cruz com o Jesus histórico? Parece-nos que esta pergunta é importante, se não quisermos considerar essas interpretações como sendo arbitrárias. Mais uma vez: Esperava Jesus uma morte violenta?

Há os que entendem a atividade de Jesus na Galiléia como uma espécie de primavera, à qual se tivesse seguido bem de pressa a catástrofe, isso é, depois dessa primavera Jesus teria que ter contado com sua morte. Tais compreensões podemos encontrar nas antigas exposições da vida de Jesus. Outros reconhecem que também no período da Galiléia já houve crises. Já aí surge oposição dos adversários. O rei Herodes Antipas, por exemplo, tentou eliminar o Batista "ressuscitado". Mas hoje é consenso geral que os textos não oferecem apoio seguro para se poder constatar uma evolução. Reconhece-se que sucesso e fracasso, desde o início, pertencem à história de Jesus. Não se pode verificar uma linha claramente ascendente até à cruz.

O elemento fundamental dos relatos é a "perícopa individualizada" e a exposição é dirigida pela fé da comunidade. Isso vale também para os relatos da paixão. Esta deve ser lida e interpretada não apenas como uma série contínua de acontecimentos. E quanto à questão concreta de como Jesus entendeu a sua morte, a exegese histórico-crítica do Novo Testamento leva à conclusão, de primeira vista um pouco chocante, que não se pode constatar uma interpretação pelo próprio Jesus.

Histórica, sem dúvida, é a decisão de Jesus de seguir para Jerusalém. Provavelmente ele não buscou em Jerusalém unicamente a sua morte, como é colocado pela tradição posterior. A partir das repetidas profecias sobre a paixão (Mc 8, 31; 9, 31; 10, 33) poderia se pensar isso. Mas é necessário ver que estas "foram formuladas olhando retrospectivamente para a sua paixão, a fim de poderem anunciar o maravilhoso conhecimento prévio que Jesus possuía dos acontecimentos que estavam para vir e os misteriosos decretos de Deus, que os regulam"(1). É provável que Jesus empreende com seus discípulos a viagem para Jerusalem, centro religioso dos judeus, a fim de anunciar também ali o Reino de Deus que estava para vir (2). Talvez até contasse com o seu fim. Mas que Jesus tenha combinado a possibilidade de sua morte com concepções como a da expiação, não passa de um postulado. E de todo improvável é que ele tivesse tido a intenção de através da sua morte salvar o mundo ou forçar a vinda do Reino, como pretendia A. Schweitzer (3).

Temos que chegar à conclusão que não há uma interpretação do sentido de sua morte pelo Jesus histórico. Continua a pergunta de onde a comunidade primitiva tirou a conteúdo para a sua interpretação. Ou formulado diferente: Em que relação se encontram o caminho de Jesus e o evento da cruz?

Caminho aqui não é entendido como uma seqüência. Já dissemos antes que os relatos neotestamentários são perícopas individualizadas. Tomando a sério este reconhecimento, resta-nos ainda a possibilidade de relacionarmos cada parte da tradição isoladamente com a cruz. Não queremos, no entanto, descobrir o que poderia ser ipsissima vox Jesu ou outras coisas semelhantes. Parece-nos mais viável a maneira como Bornkamm vê o valor histórico das narrativas neotestamentárias. Afirma ele com respeito a Jesus que "a realidade de Deus e a autoridade de sua vontade estão sempre de modo imediato acontecendo nele" (4). Este imediatismo com que ele fala e age o distinguem de todos os homens. "Este imediatismo, mais do que qualquer outra coisa, faz parte

(3) Von Reimarus bis Wrede (1906), pág. 367.

(4) O. c., pág. 54.

da figura histórica de Jesus; ele o caracteriza desde as suas origens" (5). Ele transparece nos relatos sobre a mensagem de Jesus, suas obras e sua história. Bornkamm o expressa muito bem quando diz: "Aquilo que os evangelhos afirmam... está caracterizado por uma autenticidade evidente, uma frescura e uma singularidade ... que se referem imediatamente à figura terrena de Jesus" (6). Neste sentido teremos que analisar perícopas e relacioná-las com o evento da cruz.

Não podemos, aqui, expor toda a vastidão das narrativas. Podemos referir-nos tão somente ao que julgamos típico.

Há consenso que no centro da proclamação e da atividade de Jesus se encontra o anúncio do Reino de Deus. "Os tempos se cumpriram e o Reino de Deus está próximo" (Mc 1, 14s). No ambiente em que vivia Jesus a palavra referente à soberania e ao Reino de Deus não era um vocábulo vazio. Muito pelo contrário! A expressão era vibrante de vida. Todos a conheciam de modo que não exigia explicação alguma. O Reino de Deus, ou o Reino dos Céus, como prefere Mateus, era algo que, desde há muito tempo, todos desejavam e esperavam. O termo vem de longe. Ele é quase um resumo da fé judaica. Deus é o Senhor deste mundo. No dia de Javé há de aparecer para por fim a todo tipo de injustiça e miséria na existência humana. No decorrer do tempo, porém, a mesma esperança assumiu formas diversas. Assim havia quem, ao ouvir a expressão, a entendesse como grito de guerra, e imediatamente pegasse em armas. Para eles Reino de Deus significava restauração nacional, estado político em que Deus reinasse soberanamente. Outros esperavam a vinda do Reino como intervenção de Deus que viesse literalmente abalar o cosmos, para poder surgir um mundo novo. Não faltavam especulações a respeito da data em que o mundo mau pereceria. Essa corrente que usava muita fantasia em suas descrições, chama-se "apocalíptica." Havia posições intermediárias. Mas basicamente em todas se entendia o tempo presente como tempo de esforço e de preparação. Era necessário garantir a participação no mundo vindouro.

Neste ponto, com Jesus tem início algo inteiramente novo. Algo que atingiu todas as concepções, ferindo-as no seu centro! Jesus anuncia: Não há mais tempo! Ele se esgotou. A soberania de Deus está acontecendo. Isto é, de fato, uma visão revolucionária! Até a conversão passa a ocupar outro lugar na vida dos homens. Se antes era condição para a entrada no Reino, agora ela se torna consequência! O convite de Jesus à conversão, assim, possui um horizonte inteiramente novo. Agora se afirma: É necessário aceitar a salvação que já se encontra presente, e por ela sacrificar tudo! "O Reino dos Céus é semelhante a

(5) Ibid.

(6) O. c., pág. 23.

um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo. O Reino dos Céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou" (Mt 13, 44-46). Agora importa aceitar o convite, levantar-se e por-se a caminho (Lc 14, 16ss). Porque o Reino de Deus está irrompendo, a conversão é a única consequência real. Fé, nesse contexto, então significa contar com a anunciada soberania de Deus. Esta acontece onde se realiza a boa vontade do Pai. Contar com o Reino de Deus significa fazer a *sua* vontade e não a própria! Jesus assim o fez. Ele ofereceu a salvação, que se torna presente com a vinda do Reino de Deus, a todos os homens.

Os pobres são chamados de bem-aventurados. Desde o tempo dos profetas e dos salmos a "pobreza e a miséria assumiram o seu lugar na história da piedade judaica. Um grupo após outro as reclamava para si a fim de se distinguir dos não-devotos e garantir a si mesmo a benevolência de Deus" (7). Mas na pregação de Jesus, pobreza e pequenez recuperam o sentido original. "Os pobres e miseráveis são aqueles que do mundo nada têm a esperar, mas esperam tudo de Deus." Aqui, além das bem-aventuranças, poder-se-ia citar Lc 4, 17 (Is 61, 1): "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu e me enviou para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para proclamar libertação dos cativos e restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos, para publicar o ano da graça do Senhor."

Jesus volta-se contra os que oprimem os pequenos. Como os poderosos conseguem oprimir de maneira sutil mesmo através da lei e das prescrições culturais, ele neste particular lança violenta crítica. Jesus pode radicalizar a lei: "Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão, estará sujeito a julgamento" (Mt 5, 22). Por outro lado, ele pode quase eliminar a lei: "O sábado foi estabelecido por causa do homem e não o homem por causa do sábado" (Mc 3, 27).

É claro, esta proclamação de Jesus facilmente poderia ser transformada em mera doutrina. Poder-se-ia, inclusive, estabelecer um programa. O conteúdo seria este: Famintos devem ser alimentados, presos visitados e oprimidos libertos. Podemos encontrar, também fora do cristianismo, pessoas que pensam de maneira semelhante. Cristianismo seria humanismo. Sem dúvida, isto não é pouco, e já por si mesmo um alvo digno de ser buscado. Mas para Jesus isto ainda não seria o específico.

Falamos dele, até aqui, como daquele que **proclamou** a boa nova da vinda do Reino de Deus. Há, porém, tantas narrativas que nos

(7) Bornkamm, o.c., pág. 20.

apresentam Jesus como aquele que também efetuou ações concretas, que aliás são outra maneira de anunciar a vinda do Reino. Vejamos: Jesus se assenta à mesa com os publicanos e pecadores. Tem que se ter em mente que os judeus consideravam a comunhão de mesa como a forma mais estreita de amizade. Por isso era necessário extremo cuidado ao se fazer convites. Era importante saber a quem se poderia conceder a honra de um convite e como se fazer distinção dos hóspedes à mesa (Lc 14, 7-14). Com outras palavras, tinha que se ver quem pura e simplesmente deveria ser excluído. Jesus aceita assentar-se, como hóspede, à mesa de um publicano (Lc 19, 1-10). O cap. 15 do evangelho de Lucas inicia com a acusação: "Este aceita os pecadores e come com eles" (vs. 20). O fato de Jesus sentar-se à mesa com publicanos e pecadores, sem dúvida, tem algo a ver com o tempo messiânico da alegria. Jesus realiza o que indica em sua proclamação. Assim não se pode entender os seus ensinamentos no sentido de idéias intemporais. Há uma estreita correspondência entre ensinamentos e atuação, entre anunciar o Reino de Deus e vivê-lo.

Em Jesus manifesta-se qual é a boa vontade do Pai. Uma idéia do que agora estava acontecendo nos dá a resposta a João Batista, quando este se encontrava preso: "Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o Evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço" (Mt 11). Nos milagres, nas curas, nos exorcismos, manifesta-se evento salvífico, isso é, está se concretizando Reino de Deus. Trata-se de acontecimentos que vêm em favor de um total restabelecimento do homem. Não há neles nenhum traço de procura por proveito próprio, mas a mais completa abnegação e entrega. De novo se poderia dizer: Eis um exemplo de humanismo e de ação social, um comportamento verdadeiramente humano. Certamente não é de todo errada tal interpretação, mas ela não basta, como antes não bastou fazer da proclamação de Jesus uma doutrina abstrata. Willi Marxen diz: "Não lhe importa o humanismo, mas o irrompimento da soberania de Deus neste mundo. Agora, onde alguém permite acontecer em si mesmo e através de si esse irrompimento do Reino, a consequência será também o que chamamos de humanismo" (8). Ação e palavra complementam-se mutuamente, ou, como diz Kümmel: "Os milagres de Jesus são sinais somente para aquele que está disposto a ouvir também sua interpretação" (9).

O que foi o específico em Jesus é que ele tomou a sério a soberania de Deus, não fazendo da sua própria vontade o centro do mundo, mas perguntando sempre onde Deus quer encontrar o próximo.

(8) W. Marxen. *Die Sache Jesu geht weiter* (Gütersloh, 1976), pág. 96.

(9) *Síntese Teológica do Novo Testamento*, São Leopoldo, pág. 69).

O próximo, entendido, não como alguém distante, mas como aquele com quem se está tratando no momento concreto.

Uma tal existência é verdadeiramente revolucionária e deve contar com oposição, pois tanto o indivíduo como a sociedade desejam exercer domínio. Nesta estrutura de domínio está sempre oculta ou manifesta a pergunta pelo que o próximo merece! E esta é exatamente a pergunta que Jesus riscou em sua vida. A salvação quer assumir corpo sem que antes seja cumprido um sem-número de condições. Marxen diz acertadamente: "Porque o amor de Deus aos homens é amor a pecadores, isso é, amor a inimigos, a forma específica do amor de Jesus não é simplesmente amor ao próximo, mas amor ao inimigo" (10). Com isto Jesus entra em situação de perigo, pois ele desconsidera uma lei básica do mundo: verificar com exatidão quem é o próximo!! Como é o outro, quem ele é, se ele é um oprimido que não dispõe do necessário para a vida ou se um publicano rico que explora o seu povo não importa em vista do imensurável amor de Deus. Sempre se trata da salvação daquele que nos é próximo. E sempre sua salvação depende de se alguém toma a sério a soberania de Deus. Jesus a tomou a sério. Com isso tornou-se uma ameaça onde se costuma perguntar quem e como é o próximo.

Quanto à sociedade, ela é regida por normas. Estas normas garantem a convivência. Também aqui Jesus entra em conflitos. Ele, por exemplo, afirma estar fazendo a vontade de Deus e quebra a lei do sábado. Ele o faz conscientemente. Ele não somente ensina coisas perigosas ao povo, mas pratica o que diz. Este homem precisa ser eliminado. Parece coerente, pois trata-se de garantir a sobrevivência contra alguém que abala as estruturas.

Quanto a nossa pergunta se Jesus contava com uma morte violenta, devemos concluir que ele, em todo caso, não a desejava. O que ele quis é através de cada uma de suas palavras e de cada ação sua trazer o Reino de Deus. Ele não declarou guerra aos pecadores, nem à sociedade! Ele unicamente contou com a soberania de Deus. Por isso não era sustentável. O Reino de Deus neste mundo só pode ser vivido por alguém que conta com a morte como possível consequência. A vida de Jesus deve ser entendida não tanto como um caminho à cruz, mas como um caminho à beira da cruz, e isto desde o início!!

4. Cruz e ressurreição

A morte de Jesus assume um significado central, porque aqui ele foi até o fim. Ao morrer, ele entregou o conjunto de sua obra ao Pai. Ele foi até o fundo da solidão. Foi rejeitado pelas autoridades, sofreu o silêncio do

(10) O.c., pág. 98.

povo e a fuga dos discípulos. Finalmente, o próprio Deus parece não dar sinal de presença: "Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?" (Mc 15, 34).

Até este extremo os discípulos não conseguiram acompanhar Jesus. Suas esperanças se desfizeram. Eles próprios se dispersaram. No entanto, em dado momento, foram-lhes abertos os olhos. Reconheceram então, que aquela morte não era uma derrota, mas que nela a soberania de Deus foi vivida até as últimas conseqüências. A pesquisa nesta questão consegue chegar somente até a fé dos discípulos. Não consegue captar o próprio acontecimento da ressurreição. Esta não neutraliza meramente a morte como se a mesma tivesse sido apenas um infeliz acidente. Mas é um *sim* à glória da soberania de Deus que Jesus viveu. É a confirmação da vida!!

A partir da Páscoa começou-se a interpretar a morte de Jesus. As diversas interpretações desse evento não aconteceram por terem existido conceitos que se prestassem para tanto. O próprio conteúdo se impôs. A cruz era, após a experiência da Páscoa, antes de mais nada, entendida com auxílio do que se havia experimentado no falar e agir concretos do Jesus terreno. De repente ficou claro: Ele estava aí para nós! Ele nos reconciliou com Deus. Sempre o fazia. Isso é perdão do pecado. Sem impor condições, aceitou os pecadores. O espírito de Jesus, o espírito da entrega, agora tomou conta dos discípulos. Em meio a um mundo hostil, eles, agora, estavam cheios de esperança, de uma esperança que ninguém mais lhes podia tirar.

5. Conclusões

1. Seguir a Jesus é sempre um caminho à beira da cruz, pois viver o Reino de Deus requer abnegação total. Se eu sou aceito, sem antes preencher determinadas condições, então a salvação quer chegar através de mim também aos irmãos, sem que estes tenham que satisfazer um sem-número de requisitos. Quem toma a sério o que seja Reino de Deus, torna-se livre para a entrega, para ser o próximo aos outros. Ele desiste de todo e qualquer calculismo. Corre, evidentemente, o risco de ser explorado, mas não deixa de viver a nova vida. Se alguém lhe ferir a face direita, oferecerá também a outra. Se alguém o obrigar a andar uma milha num caminho perigoso, vai com ele duas (Mt 5, 39.41). Perdoará não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes, isso é, sempre. O Reino de Deus que se torna concreto através de nós, vence a barreira do comodismo e do querer ter razão. O Reino de Deus não permite que pratiquemos o amor somente onde podemos esperar recompensa ou ao menos gratidão. Somente uma existência em abnegação, que se movimenta à beira da cruz, está cheia de esperança para o mundo.

2. Não se pode codificar o amor. Isto é, não se pode estabelecer normas válidas para todos. Negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz dia a dia, não se pode exigir de alguém que não esteja inteiramente convicto que o Reino de Deus exige dele esta ou aquela ação no exato momento. Mas assim, o cristão vai viver num constante inconformismo evangélico. Ele poderá ser incômodo. Talvez a sociedade de uma ou outra maneira – e há tantas – tente eliminá-lo. Mas é o caminho que conta com a cruz. Aliás, somente deveria usar a cruz como símbolo quem estiver pronto a perder a sua vida. Quanta esperança está para ser irradiada!

3. A proclamação do Reino de Deus por Jesus, tanto em palavra como em ação, acontecida sempre à beira da morte, tem em si calor para provocar um incêndio de colossais proporções. Não devemos nós reduzir esse calor a uma agradável temperatura de sala de estar. Isso é, devemos contar em todo nosso a fazer com o Crucificado. Não há nenhuma esperança para nós, nem para ninguém, se quisermos trilhar o caminho de uma teologia da glória. Käsemann, refletindo sobre a cruz, diz que a verdadeira cativeira babilônica da Igreja consiste em se fazer ela mesma centro de salvação, convertendo-se em tema do Evangelho. "A introversão da Igreja constitui a mais profunda contradição contra o crucificado, que não buscou a sua glória e se entregou aos sem Deus" (11). Nós, como Igreja, não temos necessidade de nos ocuparmos demasiadamente conosco mesmos. Nossa tarefa é simplesmente sermos servos. A única glória permitida a nós é que podemos servir ao Cristo ressurreto, que não é outro que o crucificado. Neste espírito de entrega, que ele possibilita, ele nos devolve o sentido da vida. Aí brota esperança!

(11) E. Käsemann, *Der Ruf der Freiheit* (Tübingen, 1968), pág. 121.